

CAMINHAR PAISAGENS, TRANSFORMAR SENTIDOS

Leandra Duarte Lambert Soares (Leandra Lambert)
Mestrado em Artes (PPGArtes UERJ - Processos Artísticos)
Grupo de Pesquisa Tecnologias da Arte - UERJ
Artista-etc.

RESUMO

Caminhar a paisagem pressupõe descontinuidade com a ideia de distante contemplação, da visualidade ordenando valores. A experiência de um ambiente vivo é ressonante com uma filosofia da imanência e uma ética de "alteridade significativa" em "meios de natureza-cultura" (Donna Haraway). Tais caminhos só podem se dar na incerteza, pelos desvios: não há como definir uma perspectiva, pois são incontáveis as visões, sensações, sonoridades e relações emergentes e imprevisas que se dão no espaço-tempo das paisagens percorridas e vividas. Trata-se da busca das possibilidades de uma estética – ou arte-vida – libertária e emancipadora: desanestesia dos sentidos, acuidade do pensamento, transformação de subjetividades e descondicionamento plural. A ecosofia de Félix Guattari, a abordagem ecológica da percepção de Gibson e observações de Bill Viola, Anne Cauquelin e Gilles Tiberghien contribuem na construção desse pensamento. A reflexão se dá a partir de alguns desdobramentos recentes do trabalho *Atlântica*, grande série em processo que se realiza em experiências pansensoriais e caminhadas-intervenções por espaços, tempos, desvios e interstícios da cidade – e além dela.

ABSTRACT

Walking the landscape assumes discontinuity regarding the idea of distant contemplation, of the visual ordering values. The experience of a live environment is resonant with a philosophy of immanence and an ethic of "significant otherness" in "means of natureculture" (Donna Haraway). These paths can only be given in uncertainty, through deviations: there is no way to define a perspective, since there are countless sights, sensations, sounds and unforeseen emerging relationships that occur in the space-time of lived landscapes. It is the pursuit of the possibilities of a libertarian and emancipatory aesthetic – or art-life: de-anesthesia of the senses, accuracy of thought, transformation of subjectivities and a plural deconditioning. The ecosophy of Félix Guattari, the ecological approach to perception of Gibson and some observations of Bill Viola, Anne Cauquelin and Gilles Tiberghien contribute to the construction of such thinking. The reflection takes place from some recent developments of the work *Atlântica*, a series in progress that happens in pansensorial experiences and walkings-interventions through spaces, times, detours and interstices of the city - and beyond.

Palavras-chave: paisagem-ambiente; sentidos; alteridade; transformações; escuta.

Key Words: landscape-environment; senses; otherness; transformations; listening.

Em “A Invenção da Paisagem”, Anne Cauquelin traça todo o histórico da construção e possibilidade de existência disso que se entende tradicionalmente por paisagem: um conjunto de valores ordenados pela visão. Analisa suas complexas características constituintes: uma certa ideia de “natureza domada”, janela e

moldura, distância e contemplação, estabelecimento da perspectiva e suas leis, ordenação em conjunto, além da importância fundamental da literatura, dos relatos de viagem, narrativas e metáforas. Ao final, encontra-se a paisagem em situação extrema: paralelamente à degradação concreta dos ambientes materiais provocada no decorrer da era industrial e informática, também “é o sistema formal (...) tradicional que desmorona inteiro diante da descoberta dos espaços infinitos. Uma impossibilidade radical que ‘proíbe’ a analogia entre paisagem e a ‘nova’ natureza.”ⁱ Analisa, ainda, a construção das ditas “paisagens” digitais: sistemas puros, cálculo, *constructo* estritamente de ordem cognitiva. Mas existe “paisagem” que não seja feita de experiências concretas e de “aparências sensíveis a nosso aparelho perceptivo”? Na introdução escrita para a segunda edição, Cauquelin acrescenta:

A mescla dos territórios e a ausência de fronteiras entre os domínios são uma marca bem própria do contemporâneo; a paisagem não foge a essa regra. Sua *esfera se ampliou* e oferece um panorama bem mais vasto em apoio à tese construtivista; ela compreende noções como a de meio ambiente, com seu cortejo de práticas, ao passo que as novas tecnologias audiovisuais propõem versões perceptuais inéditas de paisagens ‘outras’. Longe de essa ampliação relegar a paisagem a um segundo plano, ou de recobrir sua imagem, essas extensões dão a ver com muita precisão o quanto a paisagem é fruto de um longo e paciente aprendizado, complexo, e o quanto ela depende de diversos setores de atividades.ⁱⁱ

Nestas marcas próprias do contemporâneo, de fronteiras e territórios fluidos, a paisagem pode ser construída em caminhos que se tecem entre relações corpóreas-conceituais, afetos em realimentação com ficção e imaginação. Caminhar a paisagem pressupõe descontinuidade com a ideia de paisagem a ser contemplada à distância, da visualidade ordenando valores. A experiência de um ambiente vivo é ressonante com uma filosofia da imanência e uma ética de "alteridade significativa" em "meios de natureza-cultura"ⁱⁱⁱ. Tais caminhos só podem se dar na incerteza, pelos desvios: não há como definir uma perspectiva, pois são incontáveis as visões,

sensações, sonoridades e relações emergentes e imprevistas que se dão no espaço-tempo das paisagens percorridas e vividas. Trata-se da busca das possibilidades de uma estética – ou arte-vida – libertária e emancipadora, de desanestesia dos sentidos, acuidade do pensamento, transformação de subjetividades, descondicionamento plural.

Como parte da busca desses caminhos, faço exatamente isso: caminho. Misturo-me ao ambiente, recolho fragmentos de experiência a cada traçado que o corpo realiza e procuro traduzi-los em fabulações e construções que adquirem diferentes formas. Os meios que mais percorro são próximos: minhas vizinhanças imediatas, em Copacabana, especialmente a Avenida Atlântica; locais banhados ou imersos pelo Oceano Atlântico; e um pouco do que resta da Mata Atlântica. Daí vem a série "Atlântica", sempre em processo, sempre aberta, desdobrando-se em muitos caminhos. Nela articulo, através de diversos processos artísticos, problemas e complexidades desses espaços, questões históricas, sociais, ecológicas, etc.

Meu nomadismo se dá prioritariamente no próximo; e é na desanestesia às proximidades que se dá o estranhamento, um novo olhar, novas percepções, sensações, transformações. Meus movimentos e mapeamentos pessoais vêm se fazendo aqui mesmo, bem perto: poderiam ser feitos no longínquo, no estrangeiro, e seriam incontáveis outros. Busco a diferença no próximo, no mesmo; e a empatia no outro, no distante – em qualquer lugar.

No decorrer dessas caminhadas atlânticas, as práticas hodológicas iniciadas com errâncias guiadas pelos estímulos sonoros - que me imergem na experiência da paisagem-ambiente - logo se transformaram em derivas dos sentidos desregrados, e evidenciou-se também o surgimento de outros olhares, a configuração de uma visualidade atravessada pela abertura plurissensual. Através de desenhos, objetos, e escritas busquei tocar e penetrar superfícies e texturas, lembranças de odores e de ambiências sônicas, a imaginação do gosto de coisas que nunca provei, movimentos que se refazem em outra escala: os gestos de traçar desenhos e escritos são caminhos refeitos e reinventados com as mãos e o pensamento. Os traços se guiam mais pelos movimentos, pelo tato e pela sonoridade, agrego matérias, texturas, textos, peso, volume, buscando um composto intersensorial-conceitual através da experiência do desenho. Procurei relações insondáveis,

pequenos relatos de impossibilidades, experimentando e imaginando a paisagem-ambiente; "o conhecimento que podemos ter da paisagem passa pela experiência [...] colocar o espírito em alerta, através dos sentidos, que o refinamento da tecnologia potencializa e diferencia em infinita acuidade. Ver a paisagem é também imaginá-la." ^{iv}

Venho realizando também experimentações com fotografias e vídeos, buscando mais proximidade tátil, sensações e gestos do que apuro ótico e composição visual, aproximando-me de chãos, muros, troncos, entrando na água, fotografando sem enquadrar, sem ver, realizando e acompanhado movimentos. De todos esses processos que se iniciaram como caminhadas sonoras e desembocaram em uma espécie de *pansensorialismo imaginativo*, começaram a surgir várias séries dentro da grande série "Atlântica": *A Rua Por Dentro, Atlânticas Pelo Olho do Bicho, A Noite Quando Cai Nunca é a Mesma, Noturnos Oceânicos*. Nestes trabalhos, habitam a dúvida, o questionamento e a perplexidade:

...uma interrogação sobre o que estabelece nossa relação com o mundo: o que nos opõe a ele, o que nos permite ao mesmo tempo apreendê-lo e retê-lo não apenas como um correlato de nossa consciência, mas, talvez mais secretamente, como aquilo que torna possível essa própria consciência.^v

Os ambientes que nos cercam são também formas corpóreas-conceituais, mutantes, compostas de animais humanos e não-humanos em movimento, outros organismos e restos orgânicos, construções, ferramentas e dejetos inorgânicos, sinais e marcas, tudo participando de incontáveis relações, em uma intrincada e inextrincável complexidade. O ambiente é vivo, paisagem-corpo-outro; o ambiente não nos cerca: nos constitui. É parte do que torna possível o desenvolvimento da *consciência* - fenômeno que se dá em várias espécies:^{vi}

...é muitas vezes negligenciado que as palavras animal e ambiente formam um par inseparável. Um termo implica o outro. Nenhum animal poderia existir sem um ambiente que o rodeie. Igualmente, embora não tão óbvio, um ambiente implica um animal (ou pelo menos um organismo) a ser rodeado. [...] Cada animal é, em

algum grau pelo menos, um observador e um agente. É senciante e animado, para usar termos antiquados. É um observador do ambiente e um agente no ambiente. Mas isso não quer dizer que ele perceba o mundo da física e aja no espaço e no tempo da física.^{vii}

Busco me aproximar do que poderia ser o olhar do outro, e não apenas do outro da minha espécie, mas também o olhar e a experiência do bicho, a alteridade desses seres que se relacionam com os humanos através dos sentidos, na ausência do *logos*: mais um exercício de experimentar nos limites das impossibilidades. Tais processos remetem a trabalhos de Bill Viola como “I Do Not Know What It Is I Am Like”, vídeo em que o autor investiga as relações, proximidades e diferenças entre a natureza e a cultura, a consciência humana e a consciência animal. A proximidade em relação aos animais não se dá necessariamente através de uma “projeção humanizada”, mas sim através do muito que temos em comum, como animais que somos - e sempre considerando nossas diferenças, sem aproximações redutoras. Existe um contágio afetivo interespecies: meios de comunicação e entendimento são inventados, com base no estabelecimento de uma empatia sensorial. Tal relação acaba por afetar também o modo como se percebe os outros, as cidades, os ambientes-paisagens: *mais que outros pontos-de-vista, isto implica também em outros pontos afetivos, outros pontos de contato sensório-conceituais, transformações nas subjetividades.*

A filósofa feminista Donna Haraway parte das variações e versões em torno das filosofias processuais, desde Whitehead, e do relacionamento entre humanos e o que define como outras “espécies companheiras” para elaborar uma ética baseada na “alteridade significativa”, que se dá em ambientes de “natureza-cultura emergentes”. A teórica defende que só através da constante experimentação e invenção de práticas materiais, sensoriais e concretas é que se pode bem conviver nas diferenças existentes entre seres da mesma espécie, e de outras. Haraway, que no final do século passado redigiu um manifesto ciborgue, agora parte, principalmente, de histórias vividas entre pessoas e cachorros para desenvolver estes conceitos. As relações e processos que se estabelecem entre diferentes existências em constante mutação ganham visibilidade através de histórias de

bichos e pessoas, em busca de formas inventivas e desviantes de entendimento. As implicações dessas investigações a fazem concluir que são necessárias "práticas emergentes, na vulnerabilidade de trabalhos de campo que reúnam agenciamentos não harmoniosos".^{viii}

Félix Guattari, em "As Três Ecologias" – publicado em 1989, momento menos extremo que o atual - evidencia a intrincada relação de interdependência entre diferentes estratos da realidade planetária e o sentimento de urgência, já naquela época, em buscar transformações. Observa que as instituições políticas são incapazes de compreender a dimensão do problema e de articular as profundas mudanças necessárias, concentrando-se apenas no "campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática", enquanto "o que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta". Segundo Guattari, a questão só pode ser abordada de forma adequada segundo "uma articulação ético-política – a que chamo *ecosofia* – entre os três registros ecológicos (o do meio-ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana)".^{ix}

Tais "registros ecológicos" constituem-se mutuamente em incontáveis atravessamentos dinâmicos: não há como a falência em um registro não gerar uma derrocada nos outros. E não há como mudar um sem transformar outros, agindo sobre os "...domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e desejo".^x

Trata-se de um insistente engano cartesiano a tendência ainda existente de separar e opor as capacidades de reflexão, imaginação e conceitualização dos processos corpóreos que nos vinculam sensivelmente ao ambiente, às outras espécies. O que parece ocorrer de fato é justamente o oposto: é nas relações pansensoriais imersas no ambiente que as diferentes formas de inteligência se constituem e se transformam. Ou ainda: é na sensação que se forma o espírito - e o espírito produz sensações. Aparentes oposições não passam de camadas que coabitam as trans-formações da existência. Como observa Bill Viola:

A paisagem e a imaginação nos parecem estar em oposição. Penso na diferença entre *soft* e *hard*, o mental e o físico, entre o pensamento e uma rocha. Mas penso também em sua equivalência, na transformação de uma coisa em outra. Por

exemplo, o pensamento pode mover uma rocha. Uma montanha pode inspirar um pensamento.^{xi}

Pensamento, imaginação, sensações: pode-se dizer que só existem de fato no espaço da relação, realimentação e mutação constante do corpo com o ambiente; corpo sempre em fluxo, em abertura, corpo que é um campo de atravessamentos. É com a fala plurissensual do ambiente e a escuta atenta – escuta que não se restringe à audição, escuta ampliada, escuta que se dá por toda a pele e todo o corpo perpassado de percebidos e imaginados, de sensações múltiplas, é com tal fala e tal escuta que esta abertura se acentua, se realiza em maior potência.

ⁱ CAUQUELIN, Anne. *A Invenção da Paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.180.

ⁱⁱ Id.ibid. p.8.

ⁱⁱⁱ HARAWAY, Donna. *The Companion Species Manifesto: dogs, people and significant otherness*. Chicago: *Prickly Paradigm*, 2003.

^{iv} TIBERGHIEU, Gilles A. *Bill Viola: na natureza das coisas*. In *Concinnitas - Revista do PPGArtes – UERJ*, ano 11, volume 2, número 17, dezembro 2010. p.115.

^v Id.ibid. p.113.

^{vi} LOW, Phillip. entrevista publicada e acessada em julho de 2012:
<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/nao-e-mais-possivel-dizer-que-nao-sabiamos-diz-philip-low>

^{vii} GIBSON, James J. *The Ecological Approach to Visual Perception*. New York: Taylor & Francis Group, 1986, p.8.

^{viii} HARAWAY, Donna. Op. cit. p. 7.

^{ix} GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990, p. 8.

^x Id.ibid. pp.8-9. Grifos meus.

^{xi} VIOLA, Bill. in TIBERGHIEU, Gilles A. *Bill Viola: na natureza das coisas*. In *Concinnitas - Revista do PPGArtes – UERJ*, ano 11, volume 2, número 17, dezembro 2010. p.115.

Referências

CAUQUELIN, Anne. *A Invenção da Paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DEBORD, Guy. *Teoría de La Deriva*. 1958.

GIBSON, James J. *The Ecological Approach to Visual Perception*. New York: Taylor & Francis Group, 1986.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990.

HARAWAY, Donna. *The Companion Species Manifesto: dogs, people and significant otherness*. Chicago: PricklyParadigm, 2003.

KRAUSS, Rosalind. *O Fotográfico*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

KWON, Miwon. *O Lugar Errado*. In: Revista Urbana n°3, São Paulo: Editora Pressa, 2008.

SMITHSON, Robert. in *Escritos de Artistas: Anos 60/70*. Org: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

TIBERGHEN, Gilles A. Bill Viola: na natureza das coisas. In *Concinnitas - Revista do PPGArtes – UERJ*, ano 11, volume 2, número 17, dezembro de 2010.

VIOLA, Bill. *I Do Not Know What It Is I Am Like*. Vídeo, 1986.

VIOLA, Bill. *Reasons for Knocking at an Empty House: Writings 1973-1994*. Cambridge: MIT, 1995.